

Lília Dias Marianno

*Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut)**

Resumo

O artigo apresenta mecanismos de sobrevivência em tempos de fome usados com a criatividade feminina de duas mulheres, viúvas e migrantes em Rute. Uma parceria improvável entre sogra e nora evidencia a força de sobrevivência de duas mulheres bíblicas, que, ao contrário dos pares antagônicos normalmente encontrados no texto bíblico, aparecem em cumplicidade e colaboração, demonstrando que nenhuma crise alimentar é vencida se os “opostos” não estiverem dispostos a ser parceiros.

Palavras chaves: Rute; mulheres; sobrevivência; fome; estratégias.

- * Sou devedora a vários autores pelas conclusões a que chego neste artigo. Prefiro mencioná-los nesta abertura pelo frutífero diálogo que estabeleci com eles e que possibilitou as reflexões que apresento aqui: David ATKINSON, **A mensagem de Rute**. Trad. Yolanda Mirsa Krievin. São Paulo: ABU, 1991; Rebecca ALPERT, **Como pão no prato sagrado**. Uma leitura lésbico-feminista das Sagradas Escrituras e da tradição judaica. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2000; Geoffrey BULLL, **Love song in the harvest**. An interpretation of Ruth. Fort Washington: CLC, 1972; Benjamin DAVIDSON, **The analytical hebrew and chaldee lexicon**. Michigan: Zondervan, 1970; H. L. ELLISON, **Scripture Union Bible Study Books**. Joshua, Judges, Ruth, 1 & 2 Samuel. Michigan: Eedermans, 1966; Joyce W. EVERY-CLAYTON, **Em diálogo com a Bíblia: Rute**. Curitiba/Belo Horizonte: Encontro/Missão, 1993; Paul JOHNSON, **História dos Judeus**. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1987; Nelson KIRST, Nelson KILPP, Milton SCHWANTES, Acir RAYMANN, Rudi ZIMMER, **Dicionário hebraico-português & aramaico português**. São Leopoldo: Sinodal, 1987; Carlos MESTERS, **Como ler o livro de Rute**. Pão, família, terra. São Paulo: Paulinas, 1991; Carlos MESTERS, **Rute**. Série Comentário Bíblico. Petrópolis/São Paulo/São Leopoldo: Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal, 1989; Haroldo REIMER; Ivoni Richter REIMER, **Tempos de Graça**. O jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Sinodal/Paulus, 1999; Ivoni RICHTER REIMER, **Contexto histórico do livro de Rute**. São Leopoldo, 1985 (Monografia de Conclusão de Curso de Teologia – Escola Superior de Teologia); Ivoni RICHTER REIMER, **Economia de Deus e diaconia: estratégias de esperança para o mundo (Mt 25,31-46)**. Em: **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. Petrópolis/São Leopoldo, n. 39, p. 123-138, 2001; Ivoni RICHTER REIMER (Org.), **Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006; STEINMANN, J., **O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio**. Trad. monjas da abadia de N. Sra. das Graças. São Paulo: Paulinas, 1979.

Suegra y nuera: ¿Compañeras? Viudas y estrategas sobrevivindo al hambre (Rut)

Resumen

El artículo presenta los mecanismos de sobrevivencia para tiempos de hambre, usados con la creatividad femenina de dos mujeres, viudas y migrantes en Rut. Una amistad improbable entre suegra y nuera presenta la fuerza de la supervivencia de dos mujeres bíblicas, que, al contrario de los pares antagónicos normalmente encontrados en el texto bíblico, aparecen en complicidad y colaboración, demostrando que ninguna crisis alimentaria es vencida si los "opuestos" no están dispuestos a ser amigos.

Palabras claves: Rut - mujeres - sobrevivencia - hambre - estrategias.

Mother and daughter in law: partner? Widows and strategists surviving hunger (Ruth)

Abstract

The essay shows survival strategies for times of famine, used with female creativity among two widows and migrant women in Ruth. A non-probable partnership between daughter-in-law and mother-in-law presents the strength of survival of two biblical women. In opposition with the antagonic pairs normally found in biblical texts, these women appears in complicity and collaboration, teaching us that none crisis is overcome if the opposite sides do not learn to walk in partnership and collaboration.

Keywords: Ruth; women; survival; famine; strategies.

Fome, peregrinação, êxodos, migrações são temas afinados nas Escrituras, em especial no Primeiro Testamento. A Palestina, uma das regiões mais complexas do planeta em termos de produtividade agrícola, é rica de exemplos. A depressão do Mar Morto com toda sua desertificação e salinidade, ocupando boa parte do território, e o índice pluviométrico baixíssimo da região até os dias de hoje são desafios constantes para seus habitantes.

Por tais motivos, fome é um tema recorrente no Primeiro Testamento. E aparece quase sempre aliado aos fatores: migração, peregrinação e êxodos. Pelas mesmas razões a região hoje hospeda o que existe de mais alta tecnologia em irrigação e produção alimentícia, e é exportadora de alto padrão na produção agrícola. Seus habitantes se reinventam para sobreviver à fome presente ali desde os primórdios da história.

Da família de Jacó, na Palestina, migra, para o Egito, um jovem peregrino chamado José. Esse migrante é um visionário, e desde suas primeiras visões percebe situações sobre o futuro. Quando o rei do Egito tem um sonho complexo sobre vacas gordas e vacas magras, o

José visionário é chamado para interpretar¹. E por sua interpretação o rei decide: esse visionário precisa ser o meu gestor em tempos de crise. Não vamos nos aprofundar aqui no estudo sobre José porque Esteban já o fez, mas sim no planejamento e economia doméstica em tempos de fome.

Chamaremos para nossa conversa três viúvas, conhecidas de todos nós: Noemi, Orfa e Rute. Fome na terra sempre foi um problema sério, fome em casa de viúvas é uma situação gravíssima. Elas enfrentaram crises como as nossas que ameaçam diariamente a sobrevivência: escassez de alimentos, falta de dinheiro, falta de terra/casa, falta de emprego, morte de membros na família, idade avançada e falta de produtividade dos corpos, já cansados por tanto sofrimento. Um esgotamento de forças, de emoções, mas não de esperanças. Essas viúvas nos mostram que enquanto há vida há esperança.

1. Sobre as origens de Rt

A autoria e a datação do livro, apesar de debatidas com pontos de vista totalmente diferentes entre a tradição rabínica e a pesquisa histórico-social, nos levam ao período pós-exílico. A novela de Rute é uma resposta das mulheres estrangeiras aos movimentos de expulsão das esposas promovidos por Esdras e Neemias (Ed 9 e 10).

Por conta do protagonismo feminino do livro, a possibilidade de Rt ter sido escrito por mulheres camponesas é não apenas grande como aceita entre muitos pesquisadores. É um dos livros lidos nas festas judaicas². Carlos Mesters (1989, p. 13) diz que a história é “[...] muito bem contada, altamente poética, cheia de surpresas, do começo ao fim. Parece uma história inocente, uma novela, inventada para distrair o povo. Parece, mas não é!”³. Os nomes escolhidos para os personagens são tramados e seus significados representam as funções deles mesmos na novela: *Elimelec* (Meu Deus é rei), *Noemi* (graça ou graciosa), *Mara* (amargura ou amargosa), *Maalon* (doença), *Queliom* (fragilidade), *Orfa* (costas), *Rute* (amiga ou saciada), *Booz* (pela força) e *Obede* (servo). Os locais dos acontecimentos são bem delimitados geograficamente e a estrutura da narrativa mostra os personagens sempre retornando ao

¹ Sobre o ciclo de José ver artigo de Esteban Arias nesta edição de RIBLA.

² Para mais aprofundamentos sobre o assunto ver: LOPES, Mercedes. O livro de Rute. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 52, 2005, p. 88-100.

³ MESTERS, Carlos. **Rute**. Comentário Bíblico. Petrópolis/São Paulo/São Leopoldo: Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal, 1989. p. 13.

ponto inicial e fazendo revisões de seu planejamento. Provavelmente o povo já conhecia boa parte do Primeiro Testamento de cor quando Rt foi escrito. A narrativa começa com a opressão e termina com a esperança.

O contexto histórico-social perceptível em Rt demonstra um tempo de fome, migração, pobreza e falta de esperança para viúvas. O povo perdia suas propriedades, os parentes mais ricos recusavam-se a ajudar os mais pobres. Morte, falta de futuro, sentimento de culpa diante de Deus eram presentes também. A sociedade era camponesa, e a terra era objeto de transações financeiras, indo de encontro à Lei. Existia uma elite dominante e uma classe de empobrecidos que respigavam, eram escravos ou assalariados. O clã era a unidade básica para a sociedade, mas não funcionava mais como deveria. Embora a Lei assegurasse certos direitos aos pobres, alguns destes (os essenciais) estavam sendo ignorados. A estrutura política não evidenciava a presença de reis, apenas juízes. As questões eram decididas no tribunal dos anciãos, à porta da cidade. A fé em Yahweh permeava tudo e a teologia da retribuição também estava em circulação. Os problemas básicos eram: terra, pão e família. Esse é o contexto presente também em Ne 5.

2. Compromisso de recomeçar

A família de Elimelec saiu de Belém por causa da fome (Rt 1,1) e as viúvas decidiram morar em Belém novamente porque a fome acabou (Rt 1,7). A mais velha decidiu: hora de voltar para casa! Ela não obrigou suas noras a acompanhá-la, mas de fato essas mulheres se acostumaram a ser parceiras. Os tempos de dificuldades unem as pessoas menos prováveis como nora e sogra. Noemi preferia que elas ficassem porque era mais fácil refazer a vida na própria terra em vez de morar numa terra de gente que tem problemas para lidar com moabitais. Orfa seguiu a sugestão de Noemi, mas Rute não. Seu nível de compromisso era diferente, então tomou a sua primeira decisão (Rt 1,16-17): iria acompanhar Noemi.

Rute renunciou muita coisa: seu rumo (“onde fores”), sua casa e seu repouso (“onde repousares”), sua nacionalidade (“teu povo”), sua divindade (“teu Deus”) e sua sepultura (“onde morreres”)! Na antiguidade, as pessoas poderiam ser deserddadas simplesmente por mudar de cidade, mas Rute estava disposta a mudar de país. Essa era uma renúncia radical. Ser sepultado junto dos familiares era como ser reunido a seu povo ou descansar com seus pais (cf. Gn 25,8 e 1 Rs

2,10). Com esse gesto ela escolheu ser banida de sua família, dando-lhe as costas. O grau de renúncia de Rute foi, no mínimo, espantoso. Comprometeu-se com a sogra, uma velha viúva que nada tinha a oferecer a não ser mais fome, menos terra, nenhum marido e menos família. Decisões difíceis de tomar nos confrontam a galope em momentos de crise e parecem secar nossas poucas esperanças no futuro. Quantos de nós já não tivemos alguém doente na família que dependesse de nosso amparo total? Ou por qualquer motivo tivemos que tomar decisões radicais, como recomeçar a vida numa terra distante?

3. O que está ao meu alcance agora?

Nenhum recomeço é fácil. A situação das duas viúvas pobres em Belém era lastimável. A vida não melhorou simplesmente porque foram para Belém. O cenário continuava muito crítico, a ponto de a cidade inteira se comover por causa delas (1,19). É fácil imaginarmos a quantidade de vizinhas curiosas que vinham saber das péssimas novidades e das perguntas desconfortáveis que lhes faziam: “O que houve com Elimelec?”, “Como assim, seus três homens morreram?”, “Morreram de quê?”, “Por que você está carregando essa moabita para todos os lados?”. Para ajudar, pouca gente aparece, mas para bisbilhotar... As pessoas são atraídas pela desgraça alheia como moscas sobre um cadáver. Todos estavam curiosos, muito curiosos, mas ninguém se compadecia das duas viúvas. O brado de Noemi parece ser uma indignação com aquele movimento de contemplação passiva do infortúnio de sua vida: “Não me chameis Noemi! Chamai-me Mara, porque o Poderoso me encheu de muita amargura.” (1,20). Noemi sentia-se punida por Deus, futuro incerto. Não havia um braço forte que pudesse gerar recursos para alimentar as duas mulheres. Só havia um bando de vizinhas inconvenientes, curiosas com a desgraça de Noemi, que cutucavam a ferida, sangrando aquilo que já estava doendo.

Rute, a amiga, percebeu que algo teria que ser feito. Elas não podiam ficar à mercê das línguas impiedosas da aldeia de Belém, que acabariam transformando aquele regresso num verdadeiro pesadelo. Rute tomou, então, uma segunda decisão: seria o braço forte para Noemi. Além de tudo, trabalhar é sempre um remédio melhor do que ficar prostrado. “Vou catar espigas, somos pobres e eu sou estrangeira, é nosso direito!” Respigir nos campos era direito de Noemi por ser pobre, mas duplo para Rute, pois era pobre e estrangeira (Lv 19,9ss e

23,22). Ela não ficou esperando a solução cair do céu. Com esperança e com a bênção de sua sogra, partiu para a ação (2,2).

Recomeçar a vida nunca é fácil, principalmente se o futuro se mostra tão obscuro e tudo o que temos é um bando de gente curiosa com nossa desgraça. O que se pode fazer quando a fé parece fraca e a vitória, perdida? Acomodar-se? “Amaldiçoar a Deus e morrer”? Falta de perspectiva é um grande aliado para aumentar a crise provocada pela fome. Noemi provavelmente estava velha demais para o trabalho pesado, mas Rute não, e ela sabia disso. Resolveu usar sua juventude como aliada na questão da sobrevivência. A força estava a seu alcance, a lei a seu dispor. Prostrar-se? Jamais! Enquanto há vida, há esperança.

4. Iniciativa gera vida e bondade atrai bondade

“Deus ajuda aos que se ajudam”, já diz o ditado popular. É certo que nos momentos de crise nossa autoestima não está na sua melhor forma para nos empurrar para frente. Muitos de nós acabamos nos desesperando com o dinheiro que não há, com a comida que se acabou, com o armário que está vazio. Poucos de nós conseguimos cobrar ânimo para fazer o mínimo possível, quanto mais elaborar soluções criativas diante do problema!

A fé da moabita convertida a Yahweh parecia ser maior do que a da própria israelita Noemi. Noemi sabia da existência de familiares na aldeia, mas sua autoestima estava muito prejudicada; além disso, seu ânimo para procurá-los não era suficiente. Provavelmente nenhum parente moveu uma palha sequer para sustentar as duas viúvas, mesmo sabendo do infortúnio. É provável que nem tivessem mostrado interesse em saber como elas estavam ou se precisavam de alguma coisa, pelo menos a narrativa não mostra nada em contrário. Noemi não tinha forças para ter esperança. Foi Rute quem teve esperança pelas duas. Sua esperança foi forte o suficiente para mudar o rumo da situação.

O compromisso da moabita com sua sogra começou a ganhar destaque em toda a aldeia. Por esses caminhos que Deus vai conduzindo, ela começou a respigar justamente no campo do único parente de Noemi que tinha um coração misericordioso (2,3). A falta de preguiça de Rute a fazia trabalhar pelas duas e isso impressionou a todos (2,6). As pessoas da aldeia admiravam e igualmente comentavam. Agora não era mais a desgraça de Noemi a última notícia da cidade, era a dedicação e a bondade de Rute que estavam na boca do povo e chegou até Booz.

Ele permitiu que Rute colhesse ali, protegeu-a para que não tivesse que colher em outros campos (2,8), ordenou que ficasse junto de seus trabalhadores (2,9) e que não fosse molestada (2,22 e 23). Não bastante, ainda ordenou aos trabalhadores facilitassem o trabalho de Rute e tornassem a sua cata de espigas mais próspera do que a do restante dos pobres (2,15 e 16). A força de vontade de Rute e sua bondade comoveram Booz. Ele, um parente até então indiferente à situação das duas viúvas, começou a perceber que havia algo de muito valor nessa mulher tão destemida. Ele pessoalmente a abençoa: “O Senhor recompense tua ação, generosa seja a tua paga da parte do Senhor Deus de Israel, sob cujas asas vieste refugiar-te!” (2,11 e 12), mas não se envolveu mais que isso.

Os pobres não tinham tanto o que colher. Em geral, colhiam o suficiente para a subsistência de um dia. No dia seguinte teriam que fazer tudo de novo. Rute passou o dia inteiro se inclinando ao chão recolhendo espigas. Sua coluna deve ter ficado destruída. Mas ela não foi vencida nem pelo cansaço, nem pelo desânimo nem pela desesperança. Agora tinha um bom problema para resolver: como carregar todo aquele peso de volta para casa? Uma arroba de espigas equivalia a quinze quilos, Rute tinha recolhido o triplo. Quarenta e cinco quilos de alimento, alimento para um bom tempo e não a quantidade escassa que daria muito mal para um dia só.

A surpresa com a fartura no momento de escassez despertou Noemi de sua depressão. Com uma mistura de sentimentos lançou muitas perguntas a Rute. E a moça não desistiu. Rute colheu no campo até o fim da sega. O período da colheita era de aproximadamente dois meses. O trabalho persistente de Rute proveu para as duas viúvas alimento para uns cinco meses. Rute, a amiga, foi o braço forte de Noemi. Sua bondade gerou pão, gerou vida. Sua atitude atenuou o peso da situação sofredora de ambas, trouxe lampejos de esperança durante quase meio ano, meses nos quais tiveram pão, tiveram vida! Noemi planejou seu retorno, embora a situação fosse desesperadora. O recomeço foi mais difícil do que imaginou. Rute não se acomodou. Não se vence uma crise alimentar bebendo o veneno da acomodação!

5. Planejar: postura de vítima não leva ninguém adiante

É provável que a lealdade de Rute tenha comovido Noemi num nível muito mais íntimo que o texto bíblico nos permite perceber.

Como ignorar tanta dedicação? A gratidão encheu o coração de Noemi. Ela não iria sossegar até que tivesse garantido para Rute um futuro seguro. Resolveu agora lutar pela moça. Sim, uma velha mulher, com toda a perspicácia e sabedoria que sua vida anciã lhe proporcionou, colocou essa percepção a serviço do bem-estar da outra. “Minha filha, tenho que procurar-te uma situação segura, para que vivas feliz.” (3,1).

O plano de Noemi faz corar qualquer santo, “profano” se lembramos de que está registrado num texto sagrado. Parece coisa de TV. Booz era um parente que tinha responsabilidades diante do clã. Mas até aquele momento, tudo que fizera foi tratar as viúvas como coletoras de espigas; em nenhum momento tomou iniciativa para protegê-las efetivamente. A gente espera generosidade de onde deveria vir, mas muitas vezes ela não vem. Até os mais bondosos têm facilidade de se acomodar.

Noemi determinou: Rute armaria uma cena comprometedora, cena que pressionaria Booz a tomar uma atitude. Mas Rute tinha tudo a perder com essa ideia maluca que Noemi confabulava. Há indícios no texto hebraico de que embora Noemi tenha recomendado que Rute se deitasse junto de Booz durante a festa da colheita para que ele se flagrasse comprometido com a cena, Rute não apenas descobriu os pés⁴ de Booz, mas se desnudou aos seus pés. Se alguém surpreendesse os dois nessa cena, a boa reputação de Rute estaria destruída. O plano de Noemi era muito ousado, mas Rute tinha muito a perder se algo saísse errado.

Não queremos discutir se a solução planejada por Noemi era correta ou ética nem se pode usar o texto bíblico como pretexto para reproduzir essa empreitada. O que nos chama a atenção aqui é que, para sobreviver em tempos de fome, a viúva mais velha colocou a serviço das duas a sua experiência de mulher vivida, de ler o caráter das pessoas com os olhos que o tempo lhe permitia ter. Noemi estava em busca de justiça e se lembrou de que entre seus ancestrais houve um caso de um sogro que largou sua nora no esquecimento e a nora teve que usar artifícios comprometedores para fazê-lo cumprir com suas obrigações sociais (Gn 38).

Quando a crise de autocompaixão parou de dominar Noemi, ela começou a usar sua experiência em prol das duas viúvas. Ninguém na

⁴ No Antigo Testamento é comum se encontrar a referência aos pés como metáfora para o órgão reprodutor masculino. Sobre isso aprofundamentos em SCHROER, Silvia, **O simbolismo do Corpo na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003. Ver também MESTERS, Carlos em: Para ler o livro de Rute, analisado em RIBEIRO, Osvaldo em: Aos pés dele – um exercício exegético em Rt 3. Disponível em: <<http://www.ouviroevento.pro.br/>>.

idade de Rute teria inventado uma coisa tão mirabolante se não fossem as ideias ousadas de uma mulher velha por trás de tudo. Noemi traçou estratégia. Antes Rute tomou duas decisões importantes, mas quem estabeleceu o plano de ação para garantir a vida foi a mulher mais experiente. A fome não pode minar a inteligência e a criatividade que nos foram dadas por Deus, o Criador. Quando a esperança lampeja, nossa criatividade é uma ferramenta estratégica.

Noemi recompôs sua dignidade e elaborou um plano que usasse as circunstâncias como aliadas para perpetuar a vida de ambas. Mas nenhuma estratégia é realmente boa sem que seja colocada em ação. A bondade alheia é limitada, chega um momento em que ela simplesmente deixa de existir. Noemi, experiente, sabia disso.

Por meio da força de vontade de Rute, Noemi recuperou a capacidade de olhar adiante, de ser visionária. Elaborou uma estratégia de efeitos duradouros. Só conseguiu fazer isso porque deixou de se ver como vítima e como uma “coitada”. Parou de sentir pena de si mesma. Era pobre – sim! Viúva – também! Mas tinha experiência, tinha perspicácia, sabia medir as consequências e as situações comprometedoras. Em cima desse cenário construiu seu plano.

6. Agir: estratégia sem ação não resolve crises

Rute fez o que Noemi recomendou (3,6), mas ao chegar lá ultrapassou as orientações de Noemi, refinou a sutileza daquilo tudo. Quando Booz acordou, Rute não aguardou que ele dissesse o que tinha que ser feito como Noemi recomendara. Ela simplesmente comprometeu Booz com palavras. Foi Rute quem orientou Booz, sugerindo que ele já fizera o que as aparências indicavam. A melhor tradução do hebraico seria: “Tu estendeste teu manto sobre tua criada, porque um remidor tu és” (3,9), afirmando que o ato sexual já teria sido consumado⁵.

É intrigante que Booz, pressionado numa aparência de relação sexual desaprovada pelos costumes familiares de sua época, responda: “o Senhor te abençoe, minha filha! Esta segunda obra de caridade é melhor que a primeira... não debes voltar com a mão vazia para tua sogra...” (3,10 e 17). Essa estrangeira seduziu (ou foi seduzida?) por Booz e

⁵ O texto hebraico apresenta três questões para crítica textual dentro do mesmo versículo, mas nenhuma se refere ao verbo “*firs*” que se traduz por “estender” ou “esticar” (a asa ou manto); estando no perfeito (QAL) deveria ser traduzido com segurança por “tu estendeste”, em vez de seu imperativo – “estenda”. DAVISON, Benjamin. **The analytical hebrew**, p. 634; e KIRST, *op. cit.* p. 200. MESTERS, Carlos, **Como ler o livro de Rute**, p. 55; MESTERS, Carlos, **Rute**, p. 46-48.

ele ainda fala que ela é muito mais bondosa do que tinha percebido? Somente uma atitude faz aflorar uma bondade tão grande. Rute arriscou por conta própria – e completamente – sua boa reputação já famosa na aldeia de Belém unicamente para comprometer Booz numa atitude que ele já deveria ter tido meses atrás, mas até aquele momento, por uma acomodação que o texto bíblico não explica por que, não tinha tomado iniciativa.

Booz relatou que havia outro resgatador, mas antes de resolver o assunto na manhã seguinte convidou Rute para passar a noite com ele, o que ela fez. Antes do amanhecer, Rute foi despedida por Booz com uma grande medida de cevada (3,12-15). Ele chegou ao portão da cidade justamente quando o outro parente passava, então propôs a compra do campo de Noemi como resgate, o que foi aceito pelo parente até o momento em que lhe foi revelado que isso seria acrescido da aquisição da esposa do falecido para manter seu nome em sua herança. O parente desistiu do resgate e passou a vez para que Booz o fizesse. Procedendo todo o reconhecimento jurídico para a oficialização do negócio, o parente entregou-lhe a sandália (4,1-10).

Muitas vezes temos algum plano ousado, aquele que pode nos tirar de nossa situação difícil. Ele é arriscado, envolve mesmo a nossa boa reputação. Diante dele temos duas opções: ousar junto com o plano e ter coragem para fazer acontecer ou simplesmente nos acuardos, com medo de se arriscar e ficar à mercê da vida que, em nossos dias, não tem sido nada fácil. Nessas horas, coragem é um elemento essencial.

7. Perpetuar: porque a vida continua

Booz casou-se com Rute, que concebeu e teve um menino. As mulheres de Belém disseram a Noemi que o Senhor não permitira que ela ficasse sem resgatador e que o menino a sustentaria na velhice. Noemi tomou o menino como seu filho e as vizinhas lhe deram o nome de Obede (4,14-17). Booz finalmente pôde cumprir o plano de Noemi que garantiu família, casa/terra e pão a ambas.

No pós-exílio, quando o problema da posse da terra era a grande questão, é muito interessante que uma estrangeira, justamente uma moabita, agindo em cumplicidade com uma judaíta esquecida pelos líderes, conseguisse impedir que a judaíta não perdesse sua herança! É justamente a moabita que está fazendo o papel que os magistrados de Ne 5 deveriam estar fazendo. Com apenas uma atitude corajosa,

Rute recuperou o campo, trouxe um homem para a família, resolveu o problema da fome de ambas – sustento, descendente (herdeiro) que garantiria a herança na família (herança) e perpetuaria a descendência justamente na... genealogia! Um golpe de mestre de duas mulheres cúmplices, uma judaíta e uma moabita, uma, a nora, e outra, a sogra!

Rute não estava lutando por seus direitos, estava usando-os para socorrer a causa da judaíta esquecida pelos irmãos! A solução encontrada: aproveitar da confusão que as lideranças estavam fazendo com a aplicação da lei do levirato para promover o cumprimento da lei do resgate, justamente mediante o casamento com uma moabita que a outra lei proibia. Confusão no fórum, vantagem para os pleiteantes!

Booz sabia que havia um parente com primazia na questão do resgate, mas esse fulano escapou do compromisso quando percebeu que teria que se casar com uma moabita. Não podemos culpá-lo, pois se ele representa um dos cidadãos respeitáveis de Israel, uma atitude dessas iria literalmente queimá-lo diante de seus compatriotas. Ele era o normal da história. Em tempos pós-exílicos era normal fugir de uma situação como aquela. Ele não queria desobedecer à lei.

A confusão entre as duas leis (levirato e resgate) causaria a transgressão de outra, a lei contra a união ilegal. Muitos comentários moralistas culpam o fulano de estar apenas interessado em adquirir a terra, em vez de cumprir as funções familiares com o parente mais pobre. Se há uma tensão, é porque o fulano estava certo e, com efeito, Booz corria o risco de transgredir a lei de Dt 7. O processo junto à porta precisa ser encarado como uma disputa entre a lei e a legitimidade. Era algo sério nas circunstâncias do pós-exílio, e pelo ritmo das coisas estava se tornando a cada dia mais comum. Pelo testemunho dos anciãos foi que Booz teve permissão para transgredir uma lei apoiado por outra. Que situação!

Há muitas ironias presentes na narrativa de Rute. Os/as autores/as eram pessoas observadoras, com visão do todo, quem sabe eram as anciãs camponesas, que ainda preservavam as funções de contadoras de histórias nas cerimônias ou de oficiantes da religiosidade popular. Até a forma como as leis são confundidas no relato mostra o dilema em que as lideranças pós-exílicas se encontravam, tentando fazer cumprir determinadas leis que nem elas mesmas tiveram tempo de conhecer direito. Os líderes estavam se atropelando pela própria lei que trouxeram da Babilônia: ao aplicar uma descumpriam outras e assim por diante.

Conclusão

Planos que trazem resultados permanentes sempre são arriscados. Para vencer a fome é necessário coragem. Coragem para recomeçar, para planejar, para cumprir planos, para traçar estratégias e para reivindicar direitos.

A novela de Rt é um pequeno manual sobre como o pobre consegue extrair “leite da pedra” – como se diz aqui no Brasil. Sua narrativa bem elaborada e com final feliz pode parecer até ficção quando comparada à realidade de quem já perdeu tudo e precisa recomeçar. Entretanto, uma análise mais cuidadosa nos mostra que não há ficção em Rt; há, sim, experiências drásticas de pessoas que precisam sobreviver num contexto de fome e escassez.

Mulheres desamparadas que recomeçaram a vida. Tudo o que tinham à disposição era a vontade de viver, a esperança, a criatividade. Rute perpetuou a bênção de Deus sobre sua vida. Sua história nos sugere como enfrentar as crises. Reconhecer que somos aliados de nós mesmos, ser ousados para planejar, ter determinação para trabalhar e confiar no Deus que é justo são os elementos básicos para perpetuar a vida. Aliados, esses recursos oferecem soluções práticas que não dependem de governantes. São soluções ao nosso alcance, acessíveis às nossas mãos aqui e agora. São propostas de libertação escondidas dentro de nós. Esse é o recado de Rt para tempos de crise! Ela não nos deixa dependentes de ninguém, a não ser de nós mesmos e da força que vem de Deus!

- Recomeçar sempre é difícil.
- Esperar pela bondade alheia não leva ninguém a lugar algum.
- Autocompaixão? Nunca! Prostrar-se? Jamais!
- Deus ama o pobre e o faminto e Sua justiça vai adiante de nós.
- Bondade atrai bondade, mas a acomodação pode destruir a ambas.
- Planejamento gera estratégia e visão depende de experiência.
- Falta de coragem impede nossa ação, bloqueia a solução.
- Perpetuar a vida requer determinação.
- Planejar + Agir = Perpetuar. Plano mais ousado, risco maior, mas com futuro mais longo.

“Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos construções,
Caminhando e cantando e seguindo a canção.

[...]

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição!”

Vem, vamos embora que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora não espera acontecer!

(Prá não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré)